

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**

**CURSO DE JORNALISMO**

**ALEXA MEIRELLES DE OLIVEIRA**

**A CAMPANHA QUE NUNCA EXISTIU**

**UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE O PT NAS ELEIÇÕES DE 2018**

**SÃO PAULO**

**2º SEMESTRE - 2018**

**ALEXA MEIRELLES DE OLIVEIRA**

**A CAMPANHA QUE NUNCA EXISTIU  
UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE A O PT NAS ELEIÇÕES DE 2018**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza.

**SÃO PAULO  
2º SEMESTRE - 2018**

**ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SEU AUTOR.**

Dedico este trabalho à Carmozina Gomes Meirelles, que se foi antes que pudesse me ver realizar o meu grande sonho de ser jornalista. A ela, o meu muito obrigada por ter me ensinado tudo aquilo que não está nos livros.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, que desde muito cedo prezaram pela minha educação, me ofereceram a melhor formação possível e apoiaram o meu sonho de ser jornalista. Acompanharam-me ao longo desses quatro anos de graduação, sempre ampliando os meus horizontes.

Agradeço às minhas tias, Maria Ilza e Luana, que aceitaram ser minhas fiadoras. Graças ao Fies, financiamento estudantil, pude cursar jornalismo no Mackenzie. Ambas estiveram ao meu lado desde o primeiro semestre do curso, indo comigo ao banco semestralmente para que eu continuasse estudando.

Agradeço ao meu orientador, professor mestre Vanderlei Dias de Souza. Suas aulas de jornalismo e política brasileira foram cruciais para que eu escolhesse o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso. Ele me deu suporte durante todo o processo, me elucidando em momentos de nervosismo e insegurança, sempre disposto a me atender.

Por fim, agradeço a todos os professores que tive ao longo do curso e a todos os profissionais da área com quem tive contato ao longo dos meus estágios. Com eles, aprendi sobretudo o amor à profissão.

*“Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.”*

**(Jorge Amado)**

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo acompanhar as eleições do ano de 2018 com o foco no Partido dos Trabalhadores, um dos maiores partidos do país, que levou dois candidatos ao Executivo nos últimos doze anos. Com a prisão do seu principal líder e articulador, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o cenário das eleições no ano de 2018 ficou muito incerto. Isso, porque a legenda continuava apostando na candidatura do petista e não admitia publicamente uma segunda opção para lançar ao pleito (como o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, ou o ex-governador da Bahia, Jacques Wagner). Desta forma, a candidatura do ex-presidente dependeu da autorização do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) – que a indeferiu em setembro deste ano. A grande reportagem escrita para fins de obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie acompanhou a legenda ao longo do ano e discute todas as questões acerca de herança política, e os motivos pelos quais diante do declínio de Lula, não houve um candidato com a sua força que pudesse fazer frente à oposição.

**Palavras-chave:** PT, partidos, Lula, Fernando Haddad, eleições, Executivo, política, jornalismo.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Project had as goal following the 2018 elections with the focus on the Workers' Party, one of the largest parties in the country, which has led two candidates to the Executive over the last twelve years. With the arrest of its main leader and articulator, former president Luiz Inácio Lula da Silva, the scenario of the elections in the year 2018 was very uncertain. This, because the legend kept betting on the Lula's candidacy and did not publicly admit a second option to launch the suit (as the former mayor of Sao Paulo, Fernando Haddad, or the former governor of Bahia, Jacques Wagner). Thus, the candidacy of the former president depended on the authorization of the TSE (Superior Electoral Court) – which was rejected in September this year. This report written for the purpose of obtaining a bachelor's degree in Journalism from Presbyterian Mackenzie University accompanied the legend throughout the year and discusses all the questions about political inheritance, and the reasons why, in the face of Lula's decline, there was no a candidate with his strength who could stand up to the opposition.

**Keywords:** PT, parties, Lula, Fernando Haddad, elections, Executive, politics, journalism.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 A Polarização do Cenário Político .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 O Jornalismo Político .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 A Transformação do Jornalismo Político .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 O Jornalismo Político Declaratório .....</b>	<b>22</b>
<b>2.5 A Crise no Jornalismo Político .....</b>	<b>23</b>
<b>3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA .....</b>	<b>24</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>
<b>6. ANEXOS .....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Partido dos Trabalhadores é um dos maiores e mais importantes partidos políticos do Brasil. Fundado em 1980 no Colégio Sion, em São Paulo, pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, até então um líder sindicalista, a legenda surge “da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do país para transformá-la”, segundo o seu manifesto de fundação, publicado no Diário Oficial da União do dia 11 de outubro de 1980<sup>1</sup>. Segundo Leôncio Martins Rodrigues, em seu artigo “A composição social das lideranças do PT”, a legenda “se distinguiria por ter sido criada ‘de baixo para cima’, por ter saído das classes trabalhadoras e não dos meios parlamentares, das classes proprietárias ou do Estado”.

Ainda que o partido tenha o sindicalismo como embrião, a igreja católica foi crucial para a sua popularização. Rachel Meneguello aponta em seu livro “PT – A formação de um partido” que esse apoio teria sido estimulado “pela ideia anteriormente existente da própria Igreja de viabilizar a construção de um partido de trabalhadores – um PT cristão”. A autora também mostra que, ainda que parte massiva desse apoio seja oriunda dos setores mais progressistas da igreja e “das tendências ligadas à teologia da libertação”, o PT contou também com o apoio de alas mais tradicionais do catolicismo.

O partido elegeu dois presidentes ao longo de seus 38 anos – Lula e Dilma. Lula, de 73 anos, esteve no Executivo por dois mandatos. Nasceu na cidade de Caetés, no estado de Pernambuco, e tornou-se conhecido durante as greves de 1978 e 1979, deflagradas pelos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. O petista disputou 5 eleições presidenciais, conseguindo se eleger em 2002 e se reeleger 2006 – em ambas, venceu um candidato do PSDB (Partido Social da Democracia Brasileira), principal oposição ao PT no país. Segundo o Ibope, Lula deixou o Executivo em dezembro de 2010 com aprovação recorde de 83% dos brasileiros<sup>2</sup>. O alto índice deve-se, principalmente, às políticas sociais do petista quando era

---

<sup>1</sup> PARTIDO DOS TRABALHADORES (São Paulo). **Manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores**. 1980. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/manifesto-de-fundacao-do-partido-dos-trabalhadores/>>. Acesso em: 20 novembro de 2018.

<sup>2</sup> **Aprovação**. Entre os dias 17 e 19 de novembro de 2010, o Ibope fez um levantamento com 11.281 entrevistados. 83% consideraram o governo Lula bom ou ótimo.

presidente. Levantamento da FGV feito em 2010 mostra que o governo Lula conseguiu reduzir a miséria no país em 27,7% – só no primeiro mandato<sup>3</sup>. Dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) levantados em 2006 também mostram que a proporção de pessoas pobres no Brasil caiu de 23,4% em 2002, último ano do governo Fernando Henrique Cardoso, para 7% em 2014, último ano do primeiro mandato de Dilma Rousseff<sup>4</sup>.

O pernambucano tornou-se um dos maiores líderes políticos da história do país e é reconhecido como um grande estadista. Há quem o compare a Getúlio Vargas. Ele não deixou herdeiros políticos, embora após deixar o Executivo, tenha apoiado a candidatura de Dilma Rousseff como candidata do PT nas eleições de 2010. A ex-ministra da Casa Civil venceu José Serra em 2010 e Aécio Neves em 2014, ambos também do PSDB. Nesta última eleição, se reelegeu por muito pouco: ela obteve 51,6% dos votos válidos, enquanto o tucano teve 48,3%. Esse resultado evidenciou a polarização política-ideológica que vem desde 2014 até o momento e, sobretudo, o descontentamento da população não apenas com Dilma, mas com o PT. Veículos como a Folha de São Paulo, a EBC, o jornal Nexo, o EL PAÍS e outro chamaram a eleição de “a mais acirrada da história”.

A imagem do partido se desgastou gradualmente ao longo dos anos. O escândalo do Mensalão<sup>5</sup>, em 2005, piorou ainda mais a situação: a denúncia da compra de votos no Congresso por parte do Executivo manchou ainda mais a imagem do Partido dos Trabalhadores. A Lava Jato<sup>6</sup>, deflagrada anos depois, fez Lula tornar-se réu. O maior líder da legenda foi acusado de receber propina da empreiteira OAS.

---

<sup>3</sup> **Mandato.** Mandato é o período em que um político permanece no cargo. Para presidentes, governadores, deputados federais, deputados estaduais e vereadores, o mandato dura 4 anos. Para senadores, dura 8. Ao fim do mandato, o presidente pode tentar a reeleição, podendo permanecer até 8 anos no cargo, como foi o caso de Lula.

<sup>4</sup> **Dilma Rousseff.** Dilma Rousseff foi eleita presidente da República em 2010. Em 2014, foi reeleita para o cargo, que deveria cumprir até o final de 2018. Contudo, acusada de ter cometido crime de responsabilidade, sofreu um impeachment em 2016.

<sup>5</sup> **Mensalão.** O Mensalão foi um escândalo de corrupção sobre compra de votos no Congresso nacional por parte do poder Executivo em 2005, durante o primeiro mandato do ex-presidente Lula. O Executivo pagava propina à parlamentares federais, com dinheiro público desviado, para que eles votassem projetos de interesse do governo. O esquema foi denunciado pelo deputado Roberto Jefferson (PTB) ao jornal Folha de São Paulo.

<sup>6</sup> **Operação Lava Jato.** A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras,

Lula foi condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro em primeira instância pelo juiz Sérgio Moro e em segunda instância, de forma unânime, por três juízes do Tribunal Regional Federal da 4ª região: João Pedro Gebran, Leandro Paulsen e Victor Luiz dos Santos Laus. Tudo isso, em ano eleitoral – ano em que o ex-presidente pretendia se lançar candidato. Condenado, ele está com a ficha suja (lei que o próprio sancionou)<sup>7</sup> e dependia do Tribunal Superior Eleitoral para que pudesse concorrer. Sua candidatura foi impugnada pela corte, composta por 7 ministros, após 10 horas de julgamento no dia 31 de agosto deste ano. A impugnação baseou-se na lei da ficha limpa.

Apesar da condenação do ex-presidente, o partido declarou publicamente que ele seria o candidato que representaria o Partido dos Trabalhadores nas eleições de 2018, o que tornava tudo muito incerto. Lula liderava as pesquisas de intenção de voto, seguido por Jair Bolsonaro (PSL). Nas duas últimas pesquisas feitas antes da impugnação da candidatura do ex-presidente, Lula tinha 37% dos votos válidos e Bolsonaro tinha 18%, segundo o Ibope. Segundo levantamento feito pelo Datafolha, o petista tinha 39% enquanto o pesselista tinha 19%. Ambas foram divulgadas nos dias 20 e 22 de agosto, respectivamente.

Ainda que a candidatura de Lula estivesse ameaçada pela impugnação, o petista era o nome mais forte no páreo, mas era de se questionar quais eram as suas reais chances de concorrer. Diante disso, os votos se pulverizam e o PT não trabalhava ainda com um nome cuja força conseguisse frente a Bolsonaro, que vinha crescendo e ganhando espaço entre o eleitorado. Ciro Gomes cresceu exponencialmente no período. Pela primeira vez, após 5 eleições, o Partido dos Trabalhadores não disputava a presidência diretamente com um candidato tucano, já que Geraldo Alckmin oscilou entre 6% e 9% nas pesquisas durante a corrida eleitoral.

Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a acompanhar a legenda ao longo do ano de 2018. Este relatório inclui uma pesquisa sobre a prática

---

maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia.

<sup>7</sup> **Lei da Ficha Limpa.** Lei complementar nº 135, de 4 de junho de 2010: Altera a lei complementar no 64, de 18 de maio de 1990, que estabelece, de acordo com o § 9º do art. 14 da constituição federal, casos de inelegibilidade, prazos de cessação e determina outras providências, para incluir hipóteses de inelegibilidade que visam a proteger a probidade administrativa e a moralidade no exercício do mandato.

do jornalismo político no Brasil. Este levantamento evidencia e justifica a importância da produção da peça jornalística final: uma grande reportagem impressa. Isso, porque, o jornalismo diário impresso nem sempre consegue analisar com a profundidade necessária as figuras políticas que ocupam cargos no poder. Alguns veículos têm se dedicado a explorar tais figuras ou fazer matérias mais analíticas sobre a conjuntura política do momento, como por exemplo a Agência Pública<sup>8</sup> (que fez perfis famosos como os do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia e do presidente do PMDB, Romero Jucá) ou a revista *Piauí*<sup>9</sup> que, inclusive, perfilou diversos presidenciáveis. O veículo liberou as matérias para o público em geral.

Na televisão, há um espaço maior para este tipo de jornalismo, mas o conteúdo produzido também é, geralmente, voltado para um público mais restrito: canais de notícias 24h (as “News”)<sup>10</sup>, programas de comentários (Estúdio I, Café com Jornal)<sup>11</sup> e programas de entrevistas (Roda Viva)<sup>12</sup>.

O noticiário diário geralmente replica as pautas da presidência e do Congresso Nacional, e limita os políticos aos estereótipos que o público consumidor de jornalismo tem deles, principalmente quando se trata de figuras tão importantes como o ex-presidente Lula.

Neste contexto, é possível observar como a grande reportagem surge como alternativa principalmente para o impresso, já que o noticiário diário nem sempre consegue dar verdadeira profundidade a essas figuras. Conhecer as suas nuances e

---

<sup>8</sup> **Agência Pública.** Agência de jornalismo investigativo fundada em 2011, sem fins lucrativos. A agência investiga a administração pública, incluindo todos os níveis de governo e as casas legislativas; os impactos sociais e ambientais de empresas, suas práticas de corrupção e de antitransparência; o Poder Judiciário, sua eficácia, transparência e equidade; e a violência contra populações vulneráveis na cidade e no campo.

<sup>9</sup> **Piauí.** Revista mensal idealizada pelo cineasta João Moreira Salles, publicada pela Editora Brasil.

<sup>10</sup> **News.** Canais voltamos exclusivamente para o jornalismo, com noticiários em quase toda a programação. Exemplos: GloboNews, Record News, Band News.

<sup>11</sup> **Estúdio i e Café com Jornal.** O Estúdio i é um programa apresentado por Maria Beltrão, exibido de segunda a sexta às 13h no canal GloboNews. O Café com Jornal é um programa da Band. Ambos fazem a análise das principais notícias do país com comentaristas.

<sup>12</sup> **Roda Viva.** Há 32 anos no ar, é um dos mais tradicionais programas de entrevista da TV brasileira. Trata-se de um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias. A mediação é do jornalista Ricardo Lessa.

compreendê-las significa entender, de fato, o que acontece no Planalto, Congresso, prefeituras, palácios do governo do Estado ou assembleias legislativas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A Polarização do Cenário Político

Em seu artigo “A nova polarização política nas eleições de 2014: Radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook”, Vera Lucia Michalany Chaia e Fabricio Brugnago<sup>13</sup> afirmam que “a polarização política entre esquerda e direita é histórica e tem ditado a forma de fazer política ao longo dos tempos em praticamente todos os regimes democráticos”. Ou seja, esse embate entre tais polos ideológicos não é nada novo, principalmente no Brasil. Ainda assim, pode-se dizer que o país viveu nos últimos anos essa polarização de forma mais evidente. Desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores<sup>14</sup>, o eleitorado brasileiro parece estar dividido entre as representações daquilo que se tem como esquerda e direita. O PT, no meio deste cenário, ainda desponta como o maior expoente da esquerda no Brasil – embora muito se questione acerca de sê-lo ou não.

A transformação do Partido dos Trabalhadores (PT) salta à vista de quem, por diferentes motivos, acompanha o percurso da agremiação fundada em fevereiro de 1980 no Colégio Sion, em São Paulo. Militantes percebem, dia a dia, que antigas práticas já não vigoram, cedendo lugar a condutas inusitadas pelos critérios de antes. Jornalistas acostumados aos vaivéns da política brasileira, com frequência, assinalam o contraste entre o passado e o presente do partido. A literatura acadêmica se esforça para dar conta do sentido das mudanças pelas quais passa o PT. Entender os rumos do partido tornou-se um dos assuntos prediletos do debate informado no Brasil. (SINGER, 2010)

Durante os quase 14 anos de PT no Executivo, o partido se uniu e fez conchavos com legendas com as quais divergia ideologicamente<sup>15</sup>. Ainda assim, mais

---

<sup>13</sup> BUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 21, n. 7, p.99-129, out. 2014.

<sup>14</sup> **Impeachment.** Impeachment é um termo em inglês que significa “impedimento” ou “impugnação”. É um processo instaurado no Congresso para apurar a má conduta ou crime de membros do Executivo, ministros ou funcionários de alto escalão. Dilma Rousseff sofreu um processo de impeachment durante o seu segundo mandato na presidência da República. O pedido foi acolhido pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB). Dilma foi condenada por dar pedaladas fiscais em 2015. As pedaladas fiscais são uma prática antiga: é um artifício utilizado pelo Tesouro Nacional para “maquiar” as contas públicas. O Tesouro atrasa o repasse de dinheiro para bancos – públicos e privados – e para autarquias como INSS. Desta forma, deixando de transferir esse dinheiro, o governo mostrava mensalmente que tinha menos despesas do que de fato realmente tinha.

<sup>15</sup> **Conchavos.** O PT fez alianças políticas com partidos com os quais são alinhava-se ideologicamente, como por exemplo, o MDB – na época, PMDB.

pelas suas políticas populistas do que pelas suas raízes ideológicas, o partido é visto por grande parte da população como uma legenda de esquerda. O PT acaba sendo visado pois existe aversão às suas políticas e, sobretudo, há o discurso de aversão à corrupção. E o partido, tal como outros, teve seu nome envolvido em alguns escândalos.

O escândalo Mensalão, que aconteceu entre 2005 e 2006 escancarou à população um dos grandes esquemas de corrupção no período: um acordo entre Executivo e Legislativo, em que o governo federal pagava um valor mensal aos parlamentares do Congresso a fim de que esses legislassem a favor das pautas que fossem de interesse da presidência. O ex-presidente Lula sempre afirmou não saber de nada a respeito do escândalo, e apesar da forte crise que se instaurou, conseguiu se reeleger para mais um mandato em 2006<sup>16</sup>. Segundo Amaral (2010), em seu artigo “Adaptação e resistência: o PT no governo Lula entre 2003 e 2008”, o partido precisou fazer alianças com legendas de centro e de direita para se adaptar à governabilidade.

O partido teve que fechar alianças com legendas de centro e direita com as quais possuía pouca afinidade ideológica; enfrentou graves acusações de corrupção e a maior crise de sua história; realizou duas eleições que levaram a uma nova configuração interna de poder; organizou um congresso nacional para atualizar suas diretrizes políticas; e adotou medidas que contrariavam seu histórico programático, resultando na saída de membros importantes do partido. (AMARAL, 2010)

O partido, que já estava com sua imagem deteriorada pelo escândalo, se viu, posteriormente, no epicentro de outro grande caso de corrupção: a Operação Lava Jato, que revelava os conluíus de grandes empreiteiras brasileiras com o governo visando contratos com a estatal Petrobras. A operação, no geral, atingiu diversos partidos, mas a narrativa jurídica acabou se tornando uma novela com dois grandes protagonistas: o Poder Judiciário e o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Poder Judiciário, este, personificado no juiz federal Sérgio Moro<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> **Mensalão.** Segundo o ex-deputado Roberto Jefferson (PTB), o esquema consistia em pagar regularmente os parlamentares aliados com uma quantia em dinheiro (cerca de R\$ 30 mil por mês) aprovassem pautas em tramitação no Congresso que fossem favoráveis ao governo Lula. A mesada seria paga pelo tesoureiro do PT na época, Delúbio Soares.

<sup>17</sup> **Sérgio Moro.** Sérgio Fernando Moro foi um juiz federal da 13ª Vara Criminal Federal. Pediu exoneração do cargo ao ser convidado para assumir o Ministério da Justiça pelo presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, que assumirá o Executivo no dia 1 de janeiro de 2019. Nascido em Maringá, no estado do Paraná, Moro tornou-se conhecido por ser responsável pelo julgamento em primeira instância dos crimes da Operação Lava Jato. Foi também quem condenou o ex-presidente Lula a 9 anos e 6



De um lado, o Partido dos Trabalhadores (PT), sempre representado como vilão, assim como os ex-presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Do outro, o herói, o Brasil verdadeiro, o povo e a esperança, representados, muitas vezes, pelo juiz Sérgio Moro, que ganhou notoriedade por comandar o julgamento em primeira instância dos crimes identificados na Lava Jato. (ALMEIDA e MOTA, 2017)

Foi a sentença de Moro que condenou o petista a, inicialmente, 9 anos e meio de reclusão<sup>18</sup>. Mas essa novela, que vinha se desenrolando por meses, foi marcada por embates entre o magistrado e o ex-presidente. Para os que condenam Lula como culpado pelos crimes aos quais é acusado (corrupção passiva e lavagem de dinheiro, no caso do tríplice do Guarujá), o juiz Sérgio Moro é herói nacional, o paladino da moral – aquele que teve a coragem de colocar atrás das grades o grande malfeitor que, até então, agia de forma impune. Para os simpatizantes do ex-presidente, Moro é um juiz parcial, que o condenou sem provas concretas. Enquanto isso, a Justiça estaria sendo omissa em relação aos crimes – com evidências mais concretas – de outros políticos, principalmente os da chamada oposição.

Com a condenação do ex-presidente, as eleições de 2018 para o Executivo até então estavam incertas. Com a prisão do ex-presidente Lula, um dos maiores partidos que disputam as eleições estava sem candidato. Isso porque, mesmo com Lula preso na Superintendência da Polícia Federal em Curitiba, a legenda permaneceu reafirmando que ele concorreria. No mais, seria uma eleição com diversos candidatos, dos mais diferentes espectros políticos, semelhante à eleição de 1989, em que Lula perdeu para Fernando Collor<sup>19</sup>.

Em 11 de agosto de 2017, antes de ser preso, Lula afirmou durante um evento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que se voltasse à presidência faria a regulação dos órgãos de imprensa. O petista também se referiu ao impeachment de Dilma Rousseff como um golpe que foi dado pelo vice Michel Temer (MDB) em

---

meses de prisão. A decisão foi mantida pela segunda instância, que aumentou a pena do petista para 12 anos e 1 mês.

<sup>18</sup> **Condenação.** O ex-presidente Lula foi condenado em julho de 2017 pelo juiz federal por corrupção e lavagem de dinheiro no âmbito da Operação Lava Jato, no caso que envolve o tríplice no Guarujá (SP). A pena do petista foi aumentada para 12 anos e 1 mês quando ele foi condenado em segunda instância. A decisão foi baseada em provas documentais, periciais e testemunhais.

<sup>19</sup> **Fernando Collor.** Ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello venceu as eleições de 1989 e permaneceu no poder até 1992, quando sofreu um processo de impeachment. Foi acusado de cometer crime de responsabilidade ao usar cheques fantasmas para pagar despesas pessoais. Itamar Franco, vice-presidente, assumiu o Executivo em 29 de dezembro de 1992.

conjunto com a imprensa. O evento foi chamado de Ato pela Reconstrução do Estado Democrático e de Direito.

Flávia Biroli e Denise Mantovani, ambas pesquisadoras da Universidade de Brasília, apontam em seu artigo A parte que me cabe nesse julgamento: a Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do "mensalão" a relação ruidosa entre o Partido dos Trabalhadores com a imprensa, indicando diversos momentos em que a mídia se colocou contra o partido.

A oposição ruidosa da maior parte das empresas de comunicação e veículos da imprensa a Lula em 1989, seu apoio a Fernando Henrique Cardoso (PSDB) via apoio ao Plano Real em 1994 e o clima de recondução da cobertura às eleições de 1998, em que Cardoso foi reeleito, expõem formas da atuação da mídia - e da relação entre a mídia e o PT - que não são idênticas. Mas há um aspecto comum, que é a oposição, ainda que em graus variáveis, ao PT, com a adesão, também em graus variáveis, a candidaturas alternativas. (BIROLI e MANTOVANI, 2014)

As autoras ainda apontam que, após o escândalo do Mensalão, no "circuito militante, o entendimento passaria a ser o de que houve uma "cruzada midiática", em que a mídia hegemônica combateu abertamente o PT, substituindo inclusive "a necessidade de maior proeminência dos partidos da oposição conservadora".

## **2.2 O Jornalismo Político**

Além do Judiciário, Lula e o PT travaram uma briga com a grande imprensa. O ex-presidente diz ser perseguido pelos grandes veículos, apesar de afirmar sempre ter tido uma boa relação com as empresas de comunicação enquanto estava no Executivo. Motta (2002) destaca que a mídia jornalística "passou a ser a instituição política e ideológica mais notável da contemporaneidade, onde a notícia política tende ao entretenimento".

Do início do século XIX até os dias atuais decorreram quase duzentos anos de história e de evolução do que se pode chamar de imprensa brasileira. Em 1808, D. João VI chega ao Brasil com a família real portuguesa. Nesse mesmo ano, nascia o primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense, que era editado em Londres. Dessa forma, falar em jornalismo político remete aos tempos imperiais no Brasil (SEABRA, 2006). Utilizado como ferramenta propagandística do governo português, jornais já disputavam declaradamente a audiência cativa do público leitor para propagar ideias acerca de determinadas figuras. Essa forma de se fazer jornalismo de política

perdurou até meados da década de 1950, quando os jornais eram extremamente parciais. Naquela época, os jornais utilizavam uma linguagem engajada e até mesmo panfletária, principalmente quando o assunto era política, utilizando um texto carregado de adjetivos (elogiosos e depreciativos), que dependiam da tendência do jornal (PEREIRA, 2006).

Franklin Martins, em seu livro “Jornalismo Político”<sup>20</sup>, chama alguns jornais de "peças de campanha eleitoral". Eram veículos partidários dirigidos a um leitor partidário, que comprava aquele determinado jornal em busca das opiniões que corroborassem a sua. Por exemplo: o JB e o Correio eram liberais, O Globo era conservador. O Diário Carioca e o Diário de Notícias eram próximos da UDN<sup>21</sup>, a Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda<sup>22</sup> era antigetulista e, depois, antijuscelinista. Já a Última Hora<sup>23</sup> era trabalhista, quase de esquerda. A Imprensa Popular era vinculada ao Partido Comunista, embora o PCB estivesse na ilegalidade. O Dia, A Notícia e a Luta Democrática eram jornais populares (MARTINS, 2013).

Contudo, essa tomada de posição por parte da mídia impressa se perdeu ao longo do tempo, visto que a parcialidade passou a ser visto como algo negativo dentro do jornalismo. Os veículos se esforçam cada vez mais, a fim de passarem a imagem de que são neutros e que não tomam partido. É importante ressaltar que eles não são – até porque, por definição, o jornalismo jamais alçará o status de 100% imparcial. Foi o jornalista Pompeu de Sousa que levou para o Diário Carioca o conceito de lead na década de 40<sup>24</sup> – a síntese das informações restritas ao primeiro parágrafo dos textos. A partir daí, separava-se informação de opinião, e os repórteres – “por mais partidários

---

<sup>20</sup> MARTINS, Franklin. *Jornalismo Político*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 139.

<sup>21</sup> **UDN**. A UDN (União Democrática Nacional) foi um partido político fundado em abril de 1945, que fazia oposição ao governo de Getúlio Vargas.

<sup>22</sup> **Carlos Lacerda**. Carlos Lacerda foi um jornalista e político brasileiro antigetulista. Ele foi fundador do jornal Tribuna da Imprensa, vereador, deputado federal e governador do estado da Guanabara. Era membro da UDN.

<sup>23</sup> **Última Hora**. O Última Hora foi um jornal fundado por Samuel Wainer, em junho de 1951. Era um jornal que apoiava o governo de Getúlio Vargas.

<sup>24</sup> **Lead**. Lead ou lide é o primeiro parágrafo de uma notícia, que oferece ao leitor as principais informações que ele precisa saber sobre o assunto: o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, como aconteceu e com quem aconteceu.

que fossem – deveriam tratar os fatos com objetividade e equilíbrio. A opinião ficaria restrita ao espaço das colunas e dos editoriais”. (PEREIRA, 2006)

Apesar de nem sempre conseguirem, os veículos buscam demonstrar isenção na cobertura. Martins cita como exemplo, inclusive, a corrida eleitoral entre Lula e Serra em 2002, que foi feita de forma mais neutra. Seabra, em sua obra *Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas*, ainda afirma que a forma como a imprensa tratou os candidatos, fora equilibrada, e fez dessa eleição um modelo de atuação para o jornalismo político.

### 2.3 A Transformação do Jornalismo Político

Muito além de uma simples preocupação com a ética jornalística, Martins define três grandes fatores que mudam a parcialidade dentro da cobertura de política: colossal da Gallup em 1948, que apontou a vitória do republicano Dewey sobre o democrata Truman)<sup>25</sup>, o mercado financeiro (que passa a atrelar e divulgar as suas movimentações ao comportamento do cenário político) e o horário eleitoral na televisão. Os políticos passaram a ter um espaço aberto para falar, sem passar pelo filtro dos donos dos veículos (há, evidentemente, exceções – prova disso é o debate entre Lula e Fernando Collor em 1989)<sup>26</sup>.

O conceito de imparcialidade e objetividade jornalística surge, inclusive, como uma estratégia que visava lucratividade para o mercado editorial, afinal, ser imparcial ou "mostrar os dois lados" passa a ser uma forma de atingir um público muito maior, em vez de apenas um determinado grupo que tem uma opinião. Esse conceito é adotado pelo jornalismo no século XIX, pois notou-se uma necessidade de distribuir notícias que abastecessem os mais diversos mercados e atingissem diversas esferas

---

<sup>25</sup> **Eleição de 1948.** A eleição presidencial de 1948 foi a 41ª eleição presidencial nos Estados Unidos. É considerada como a “eleição da reviravolta”, já que todas as previsões indicavam a vitória do republicano Thomas E. Dewey. Contrariando todas as expectativas, o então presidente Harry S. Truman, um democrata, se reelegeu.

<sup>26</sup> **Debate.** Nas eleições de 1989, houve dois debates entre os candidatos Lula e Collor. O primeiro foi na TV Manchete, no RJ, e o segundo na TV Bandeirantes, em SP. Ambos foram transmitidos na íntegra pela Globo, SBT, Manchete e Bandeirantes. No dia seguinte após o segundo debate, a Globo veiculou duas matérias, uma no Jornal Hoje e outra no Jornal Nacional, com edições. Ambas as matérias foram questionadas, por apresentar pouco equilíbrio e por privilegiar a candidatura de Collor. O PT chegou a mover uma ação contra a emissora junto ao TSE.

da sociedade. Ambos ressaltam, ainda, o forte papel que o surgimento das grandes agências de notícias teve nessa mudança dentro do jornalismo (RAMIRES e Rossi, 2013).

As agências foram criadas para vender notícias, por atacado, a governos, banqueiros, diplomatas, negociantes, corretores, transportadores, portanto, era preciso oferecer um produto capaz de atender às necessidades específicas de cada cliente, levando em conta seus interesses, valores e preconceitos. Passaram a vender notícias “uniformes, neutras e imparciais” a jornais politicamente diversos. (RAMIRES e ROSSI, 2013).

A Folha de São Paulo, inclusive, passou a fazer isso de forma mais evidente por meio de seus colunistas. Em 2015, no auge dos movimentos pró e contra o governo, tinha Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto<sup>27</sup>, e Kim Kataguri, líder do Movimento Brasil Livre<sup>28</sup>, como colunistas em seu site. Ambos são dois extremos dentro do campo ideológico da política. Boulos é um militante de esquerda e Kim é um jovem de direita – que tinham o mesmo espaço, em um mesmo site. Estratégias como essa são utilizadas pelos veículos que tentam vender a ideia de postura democrática.

Os jornais, na tentativa de conquistar e manter escalas de tiragens economicamente viáveis, foram obrigados a se voltar para um universo cada vez mais amplo. Em vez de cativar o leitor partidariado, como no passado, a estratégia passou a atrair um público plural, composto por leitores com as mais variadas simpatias políticas e as mais diferentes visões de mundo. (MARTINS, p. 19)

Martins ainda cita como exemplo dois dos principais jornais do país. Ele diz que não se pode dizer que a Folha de São Paulo dirige-se aos progressistas e o Estado de São Paulo, aos conservadores, por mais que a linha editorial de ambos se aproxime desses espectros. Martins lembra que ambos os jornais são assinados ou comprados por todos os tipos de leitores: os que se consideram petistas, tucanos, peemedebistas ou liberais e também por aqueles que não se reconhecem em partido algum ou, simplesmente, odeiam política.

---

<sup>27</sup> **MTST**. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) é um movimento que existe desde 1997 e tem como principal pauta a luta por moradia no Brasil.

<sup>28</sup> **MBL**. O Movimento Brasil Livre surge em 2014 como um movimento político contra o governo de Dilma Rousseff. O grupo foi um dos principais articuladores das manifestações que pediam o impeachment da ex-presidente.

## 2.4 O Jornalismo Político Declaratório

Tal como o jornal partidário precisou se reinventar nos últimos 50 anos para atender um público maior, o jornal de hoje também tenta se reinventar – e nem sempre consegue – para atender um público mais exigente: um público que pede a interpretação da notícia. Não se trata necessariamente de opinião, mas o consumidor de jornalismo está farto da notícia sem análise. O leitor é bombardeado diariamente com inúmeros fatos e informações sobre política, e, muitas vezes, lhe falta um pano de fundo para entender o que de fato está acontecendo. Para Martins, em vez de sentir-se de fato informado, ele se sente confuso em meio ao mar de informações que o cerca.

Não basta apenas dar a notícia, ou seja, transmitir a informação factual mais recente. É necessário qualificá-la, relacioná-la com outros fatos, explicar suas causas e avaliar suas possíveis consequências. Em suma, é preciso entregar aos leitores não apenas a notícia, mas também o que é preciso por trás e em volta da notícia. (MARTINS, p. 21)

E isso se faz necessário, justamente, pela rapidez com a qual a notícia é veiculada. A rapidez da internet também permite isso - os sites dos grandes jornais vão publicar o fato muito mais rápido do que a mídia impressa. Logo, essa mídia impressa precisa ir além de só dar a notícia, porque provavelmente ela dará essa notícia depois de já ter sido veiculada. Martins diz que “jornal com notícia velha não rende. Mas jornal com notícia interpretada, explicada, voltada para o dia de amanhã, esse jornal vende”. (MARTINS, 2013).

## 2.5 A Crise no Jornalismo Político

O jornalismo político sofreu dois períodos de crise. O primeiro, durante a ditadura militar<sup>29</sup> – além da censura, os veículos sofriam com a escassez de fontes. Políticos, sobretudo os presidentes militares, evitavam a imprensa e limitavam-se aos pronunciamentos oficiais. O segundo período é o atual. Pereira atribui esse fenômeno, sobretudo, ao advento das tecnologias. O autor cita o I Congresso Luso-Brasileiro de Jornalismo<sup>30</sup>, em que estudiosos detectaram uma crise no jornalismo político. A

---

<sup>29</sup> **Ditadura militar.** Período de 1964 até 1985 em que o país foi governado por militares.

<sup>30</sup> **I Congresso Luso-Brasileiro de Jornalismo.** Encontro ocorrido na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), de 10 a 11 de abril de 2003.

tecnologia acelerou o processo de obtenção de informações. A oferta de noticiário é maior, contudo, essa cobertura não está imune ao erro.

Durante essas duas crises, um mesmo fator mostrou-se como alternativa: o jornalismo alternativo ou imprensa nanica. Seabra diz que jornais como o Pif-Paf, Opinião, Movimento, Em Tempo, Versus, Bondinho, O Sol e O Pasquim foram essenciais para que o jornalismo sobrevivesse aos 20 anos da ditadura militar, pois eles faziam contraponto à grande imprensa no período. Eles não tinham acesso aos “meandros da chamada grande política”, mas publicavam “a versão da oposição”, e isso foi essencial para manter aceso o debate político (PEREIRA, 2006).

Em meio a essa demanda por um jornalismo mais analítico e didático, surgem algumas alternativas, principalmente quando o assunto é política. Nesse espectro, surge o jornalismo independente, que tenta suprir essa carência. A Agência Pública, que sobrevive de doações, por exemplo, dedica-se a fazer um trabalho singular desde 2011, que os grandes jornais até então não faziam: o “fact checking”, checagem dos fatos. Atualmente, outros veículos fazem o mesmo, como a Agência Lupa, da revista Piauí, o Fato ou Fake do portal de notícias G1. Em um formato de jogo, o projeto chamado “Truco” verifica se as falas de políticos e personalidades de destaque são, de fato, verdade, mentira, ou algo discutível. Como o próprio projeto se define, sua preocupação é “analisar diferentes discursos e pontos de vista, sem qualquer distinção partidária ou ideológica”.

A revista piauí, criada pelo cineasta João Moreira Salles<sup>31</sup>, também se distingue das outras revistas que abordam o mesmo assunto. Por mais que faça frente a outros veículos de política (como a Veja, por exemplo, uma das revistas de maior circulação no país), a piauí aborda o tema de forma singular - geralmente, faz longas análises sobre algum fato, escreve extensos perfis sobre algumas das figuras que protagonizam a política, cede espaço para que políticos e ex-políticos possam escrever, como por exemplo Fernando Haddad, FHC, Fernando Gabeira e outros.

---

<sup>31</sup> **João Moreira Salles.** João Moreira Salles é um empresário, documentarista e roteirista brasileiro. Também é herdeiro da família Moreira Salles, considerada uma das mais ricas do Brasil.

### 3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

A grande reportagem conta, principalmente, com entrevistas e com o acompanhamento do partido (PT) ao longo de 2018, analisando os caminhos a serem tomados pelo partido em meio à prisão de seu principal líder: o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O ano de 2018 começou com a sua prisão (Lula liderava as intenções de voto em diversos cenários) e tudo ainda era muito incerto – o partido não abria mão do nome do ex-presidente como candidato, por mais que a condenação estivesse cada vez mais iminente.

Enquanto o PT não assumia, abertamente, quem poderia substituir o ex-presidente, muito se especulava a respeito. Os possíveis nomes para sucedê-lo eram o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad ou Jacques Wagner, ex-governador da Bahia. Ambos eram nomes de pouca força em nível nacional, pessoas conhecidas apenas nos seus estados de origem. Desta forma, com a ausência de Lula, a eleição perdia o seu nome de maior destaque, ao mesmo tempo em que levanta um questionamento acerca de herança política: o quão preocupante pode ser o fato do principal partido do país não ter uma opção de destaque, que faça frente à oposição, mediante à ausência do ex-presidente? O PT se apequena diante de uma figura? Ou, mais ainda, o que justifica o retorno de Lula ao Executivo – um presidente de 73 anos que cumpriu dois mandatos?

Construí a reportagem realizando entrevistas com figuras relevantes para o Partido dos Trabalhadores. As entrevistas trazem diálogo para o pano de fundo, o meu olhar observador de quem acompanha os bastidores da notícia das eleições de 2018. O intuito foi desenvolver uma narrativa que lembrasse os textos escritos na revista *piauí*, publicada pela Editora Abril e criada pelo cineasta João Moreira Salles. Algo semelhante ao perfil da ex-presidente Dilma Rousseff, quando ainda era ministra de Minas e Energia, escrito pelo jornalista Luiz Maklouf Carvalho (“As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff”)<sup>32</sup>. No texto, há pouco da voz da petista – ele

---

<sup>32</sup> **As armas e os varões: a formação de Dilma Rousseff.** Título da matéria publicada na revista *Piauí* sobre a ex-presidente Dilma Rousseff. O texto foi publicado em abril de 2009 e republicado no livro “Vultos da República”, obra que compila alguns dos perfis feitos por jornalistas da *Piauí* de personalidades como Fernando Henrique Cardoso, Marina Silva, José Dirceu, José Serra etc.



é construído, essencialmente, com a voz daqueles que a rodearam no período em que Dilma foi militante, antes e durante a ditadura militar.

O texto tem como ponto de partida a minha conversa com Ricardo Kotscho, ex-assessor de imprensa e grande amigo do ex-presidente Lula. Ele me auxiliou a definir o que, de fato, seria abordado na minha reportagem. Depois disso, narro um dos momentos mais icônicos e importantes para a história do PT: o julgamento e a prisão do ex-presidente. Primeiro, o julgamento do habeas corpus no Supremo Tribunal Federal (STF) - uma sessão do tribunal que atraiu a atenção de milhares de telespectadores ao longo do dia. Depois disso, veio a prisão. Não estive no sindicato e nem no plenário do STF no dia, mas pude vivenciar o momento acompanhando tudo estando dentro do switcher<sup>33</sup> do jornal Edição das 16h, da GloboNews, canal fechado de notícias 24h do Grupo Globo.

A reportagem teve sete vozes principais: a de Ricardo Kotscho, Paulo de Tarso (marqueteiro da campanha de Lula em 1989), Fernando Neisser (advogado que cuidou da candidatura de Lula junto ao TSE), Daniel Aarão (cientista político e ex-filiado ao PT), Frei Betto (ex-assessor de Lula e um dos idealizadores do programa Fome Zero), Fernando Gabeira (jornalista e ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro) e Lincoln Secco (professor de História da USP e pesquisador sobre o PT). Realizei a primeira entrevista em março deste ano e a última em outubro. Com Kotscho, Paulo de Tarso, Neisser e Secco, as entrevistas foram feitas pessoalmente. Com Daniel Aarão e Frei Betto, por e-mail, e com Gabeira, por telefone.

### **Entrevistados:**

**Ricardo Kotscho** foi a primeira voz do texto, a que me guiou a respeito de como eu poderia escrever a reportagem. O jornalista dono de três prêmios Esso é grande amigo do ex-presidente Lula; foi assessor do presidente durante a campanha de 2002 e assessor de comunicação nos primeiros anos do governo Lula, de 2003 a 2005. Kotscho foi quem sugeriu escrever sobre a campanha de Lula, a campanha

---

<sup>33</sup> **Switcher.** A mesa de corte dos telejornais, local onde é selecionado o sinal de vídeo que será visto pelo telespectador.

que, de fato, “não existiu”, visto que tudo indicava a prisão do petista e a substituição de seu nome na chapa que iria concorrer ao pleito.

**Paulo de Tarso** foi quem falou comigo sobre a campanha de 1989, da qual foi marqueteiro (eleição com a qual a de 2018 foi comparada inúmeras vezes). A campanha do “Lula lá” não venceu a de Collor. Com ele, falei sobre qual narrativa talvez conseguiria conduzir Lula à vitória e ao terceiro mandato como presidente. Ele, que hoje é crítico ao PT, afirmou que o ideal seria uma campanha que lembrasse o povo brasileiro do período em que o partido esteve no poder. Paulo de Tarso, de fato, estava certo: meses depois, o mote da campanha petista seria “o Brasil feliz de novo”, com um jingle que dizia “chama que o 13 dá jeito”, chamando a população a se lembrar da gestão petista – sobretudo, a gestão de Lula durante dos mandatos.

Com **Fernando Neisser**, analisei as questões que envolveram um dos momentos mais importantes para o partido ao longo do ano – a quase soltura do ex-presidente Lula em julho. Ainda que o advogado fosse um dos responsáveis pela candidatura de Lula junto ao TSE, quis abordar com ele tudo o que dizia respeito à legalidade e à ética na magistratura dentro da decisão do desembargador Rogério Favreto de conceder o alvará de soltura ao petista.

**Frei Betto** respondeu algumas perguntas que enviei por e-mail sobre o movimento pró-Bolsonaro, a prisão de Lula e o ódio ao Partido dos Trabalhadores. O frade fez duras críticas ao eleitorado de Bolsonaro, e reiterou o discurso em defesa do ex-presidente e do PT.

Com **Daniel Aarão** e **Fernando Gabeira** busquei o contraponto, visto que as outras figuras com quem eu havia falado até então são simpáticas ao partido, ideologia, escolhas etc. Abordei as questões que envolviam os acertos e erros do PT em terem insistido na figura de Lula como cabeça de chapa, os riscos que a candidatura de Fernando Haddad sofria por causa disso e no cenário inédito, após seis eleições presidenciais, que é um embate do PT com um partido que não o PSDB, mas sim o PSL – legenda até então nanica que, liderada por Jair Bolsonaro, agigantou-se, sobretudo no Legislativo, conquistando a segunda maior bancada da Câmara dos Deputados.

Com **Lincoln Secco**, professor do departamento de História da FFLCH – USP e pesquisador sobre o Partido dos Trabalhadores (autor de História do PT, publicado

pelo Ateliê Editorial), fiz uma análise geral da eleição: a condenação de Lula, a insistência do partido em sua candidatura, a ascensão de Jair Bolsonaro, o PSDB fora da disputa, as fake news, o antipetismo exacerbado, o futuro do Partido dos Trabalhadores e a esquerda como oposição ao poder Executivo no Congresso Nacional.

Também falei com **Sérgio Roxo**, repórter do jornal O Globo; e com ele abordei as questões que envolvem a briga do PT com as instituições, sobretudo com a mídia: quais foram e são os principais desafios para um repórter que faz esse tipo de cobertura, principalmente em tempos tão polarizados? Roxo começou a cobrir o Partido dos Trabalhadores em 2015, ainda que o seu trabalho não se limitasse de forma exclusiva à legenda. Já em 2018, ano eleitoral, o jornalista se dedicou integralmente ao partido ao longo do ano. Ele destacou um dos momentos mais tensos de cobertura quando esteve no Paraná, acompanhando a caravana do PT em meados de março. Ele foi agredido por um segurança do partido após registrar imagens que mostravam esses mesmos seguranças agredindo manifestantes anti-PT que estavam próximos à caravana. A entrevista com Roxo não foi para a reportagem porque tive dificuldade em encaixá-la visto que a fiz após o segundo turno das eleições, mas a decupagem do material está no Anexo deste relatório.

A grande reportagem foi fechada após o fim das eleições ao Executivo em 2018, que aconteceram no dia 28 outubro. O projeto acabou se moldando ao longo do ano, já que a princípio o intuito era perfilar o candidato Fernando Haddad, que já era apontado como o provável nome que substituiria Lula. A primeira parte do desenvolvimento – desde antes do início do ano letivo de 2018 – foi baseada na pesquisa sobre o partido, não apenas dos personagens e dos possíveis entrevistados e a forma como eles se ligam, de alguma maneira, a Lula; mas sobretudo, foi feito um levantamento histórico sobre o Partido dos Trabalhadores.

Acompanhar o PT ao longo do ano, de perto, não foi nada simples – até mesmo por questões de logística. Desta forma, como a grande reportagem poderia permitir, optei por escrever o texto em primeira pessoa – não apenas como eleitora, mas sobretudo como jornalista em formação e estagiária da Rede Globo em São Paulo. Optei por escrever dessa maneira por não conseguir estar fisicamente próxima do partido ou da militância em momentos cruciais ao longo do ano, como por exemplo, a prisão do ex-presidente Lula e o lançamento da chapa Lula – Haddad – Manuela.

Ainda assim, em um ano com uma eleição tão atípica, pude acompanhar todo o processo eleitoral como funcionária da maior emissora de TV do país – inclusive, uma das inimizadas do PT.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou analisar a eleição de 2018 ao longo de uma grande reportagem. Escrever “A campanha que nunca existiu” foi desafiador. As maiores dificuldades estavam em acessar as pessoas com quem eu pretendia conversar para escrever o texto. Em princípio, quis entrevistar figuras célebres e de destaque na política brasileira, todas do PT ou ligadas ao partido. Encontrei entraves justamente pelo fato de 2018 ser ano eleitoral. Desta forma, durante o processo de produção, encontrei outra forma de analisar a eleição de 2018, com pessoas importantes para a história do partido, mas que não fazem parte dele. Por isso, entrevistei um ex-assessor, um marqueteiro, um ex-deputado, um cientista político, um jornalista, um advogado, um padre e um historiador.

Jornalisticamente, foi um processo interessante porque a eleição de 2018 foi muito singular. A prisão do ex-presidente Lula confirmou, ao meu ver, toda a questão que envolve herança política no Brasil – tema que acabou dando origem à reportagem. Afinal, com a iminente condenação de Lula, questionava-se quem iria substituí-lo como candidato nas eleições. Os nomes mais fortes – Fernando Haddad e Jacques Wagner – não eram conhecidos em nível nacional. Mesmo o PSDB – maior “inimigo” do Partido dos Trabalhadores nas últimas eleições – teve dúvidas para decidir quem seria o candidato. Especulou-se até por Luciano Huck, apresentador da TV Globo.

Uma eleição tão icônica pediu, ao meu ver, um formato que tente contemplar toda a sua complexidade – uma grande reportagem, um livro, um documentário, um programa (como foi, por exemplo, a Central das Eleições<sup>34</sup> na GloboNews, que sabatinou candidatos e seus vices e acompanhou todo o período eleitoral). Acredito que a grande reportagem cumpriu bem o seu papel nesse sentido, analisando todo o processo – desde a prisão de Lula, o julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF), o lançamento da candidatura, a impugnação por parte do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a substituição de Lula por Haddad como cabeça de chapa, Ciro em segundo lugar, Haddad saltando de 4% para 25% nas intenções de votos válidos, a facada que

---

<sup>34</sup> **Central das Eleições.** O Central das Eleições foi um programa de sabatinas, debates e entrevistas especiais, exibido de segunda à sexta, apresentado pelo time de comentaristas da GloboNews.

Bolsonaro levou enquanto fazia campanha em Juiz de Fora (MG), o primeiro e o segundo turno.

Acompanhar a eleição e escrever uma reportagem sobre o Partido dos Trabalhadores me mostrou a importância e o papel social que a imprensa tem com a sociedade. O Tribunal Superior Eleitoral, órgão que deveria ter combatido a disseminação das fake news falhou em seu papel. Em contrapartida, ainda que sofra duras críticas, a imprensa empenhou-se em publicar a verdade, informar e também checar tudo o que viralizava. As eleições de 2018 podem ser lembradas, daqui a alguns anos, por essas fake news - é inegável que essas notícias falsas impactaram a corrida eleitoral. Discordando de um dos entrevistados da reportagem, o jornalista Fernando Gabeira, essas informações vieram majoritariamente de um lado só. Um levantamento feito no dia 26 de outubro pelo site Congresso em Foco, do portal UOL, mostrou que de 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram o presidente eleito (MACEDO, 2018). Mesmo Bolsonaro utilizou informações falsas durante a campanha – como por exemplo, disse que seu oponente, Fernando Haddad, quis implantar o que ele chamava de “kit gay” nas escolas quando foi ministro da Educação. Mesmo após o TSE desmentir a informação e proibir o candidato a disseminá-la, ele continuou fazendo menções sobre o tal kit. Um levantamento feito pela organização Avaaz também apontou que quase 90% dos eleitores do pesselista acreditam em fake news.

Em suma, independentemente de quem foi beneficiado com essas notícias – foi Bolsonaro, mas ainda que tivesse sido Haddad – o trabalho da imprensa se mostrou crucial nesse período, principalmente o que foi feito pelas agências de checagem. Destaco aqui uma iniciativa que pude acompanhar de forma mais próxima: o Fato ou Fake, do portal G1, ainda que existam agências ou projetos mais antigos (como a Agência Lupa e a Agência Pública). Em um período onde a veiculação de informações é tão fácil, o trabalho do jornalista e o compromisso com a verdade dos fatos se mostra cada vez mais essencial.

Dos profissionais da área e futuros jornalistas – jovens em formação, tal como fui até hoje –, espero a verdade e o combate a qualquer forma de autoritarismo que tente cercear à profissão. Escrevendo sobre política, economia, cultura, moda ou esporte, independente do formato ou do veículo, o jornalismo vive porque precisa-se dele. Conto, como jornalista, com o compromisso com a verdade, a apuração,

checagem e luta diária pela preservação do campo que permite o exercício da profissão – a democracia.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Oswaldo. **Adaptação e resistência: o PT no Governo Lula entre 2003 e 2008**. 4. ed. Brasília: Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/89fa4c8c9aece633276ff58ba59fc0a5/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1626348>>. Acesso em: 5 de maio de 2018.

BIROLI, Flávia; MANTOVANI, Denise. **A parte que me cabe nesse julgamento: a Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do "mensalão"**. Opinião Pública, Brasília, v. 2, n. 20, p.2014-2018, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v20n2/0104-6276-op-20-02-00204.pdf>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

BUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. **A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook**. Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 21, n. 7, p.99-129, out. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/gah/Downloads/22032-58816-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

KECK, Margaret E. **PT – A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 366 p. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 5 de maio de 2018.

MACEDO, Isabella. **Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013. 139 p.



MENEGUELLO, Rachel. **PT: A formação de um partido, 1979 - 1982**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989. 228 p. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/PT\_a\_formacao\_de\_um\_partido\_1979-1982.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

MOTA, Célia Ladeira; ALMEIDA, Paulo Henrique Soares de. **A corrupção como espetáculo midiático: análise das capas da revista Veja sobre a operação Lava Jato**. Portal de Revistas Ulima - Universidade de Brasília, Brasília, p.101-114, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ulima.edu.pe/index.php/contratexto/article/view/1574/1575>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (São Paulo). **Manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores**. 1980. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/manifesto-de-fundacao-do-partido-dos-trabalhadores/>>. Acesso em: 20 novembro de 2018.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **A composição social das lideranças do PT**. In: Partidos e sindicatos: escritos de sociologia política [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 1-26. ISBN: 978-85-7982-026-7. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/cghr3/pdf/rodrigues-9788579820267-02.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

ROSSI, Michelle; RAMIRES, Mário Marques. **A Imparcialidade como Conceito de Qualidade Jornalística**. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Unigran, Dourados, 2013. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/4/7.pdf>>. Acesso em: 2 de novembro de 2017.

SEABRA, Roberto; SOUSA, Vivaldo de. **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. 306 p.

SINGER, André. **A segunda alma do Partido dos Trabalhadores**. Novos Estudos, São Paulo, n. 88, p.1-23, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n88/n88a06.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

VEJA (São Paulo). **Lula encerra mandato com aprovação de 83%, afirma Ibope**. 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/lula-encerra-mandato-com-aprovacao-de-83-afirma-ibope/>>. Acesso em 13 de outubro de 2018.

## **6. ANEXOS**

### **ANEXO A – Entrevista com Sérgio Roxo, do jornal O Globo**

#### **Quando você começou a cobrir política e, posteriormente, o PT?**

Antes eu cobria política local, quando eu trabalhava no Diário de São Paulo. Eu tô no Globo desde dezembro de 2009. Aí, assim, como é uma sucursal, eu não cobria só política, eu acabei também cobrindo outras coisas, mas acabei caminhando cada vez mais para política. Daí eu já cobri as eleições presidenciais, as duas últimas eleições presidenciais, 2010 e 2014. E eu não cobri o PT, cobri a Marina nas duas eleições. Em 2014, o Eduardo Campos, e depois a Marina. O ano que eu praticamente só cobri política foi este ano, desde que eu trabalho lá. Porque eu comecei a cobrir o PT em 2015 para 2016. Eu já tinha coberto a campanha do Haddad em 2012, um pouco, e algumas coisas do PT mais periféricas, as coisas do Mensalão... Mas eu comecei a cobrir o PT mesmo, de ser setorista, no final de 2015 para 2016. Aí esse ano, praticamente, no Globo eu só cobri (...). Tô até pensando que algum dia, agora, eu vou ter que escrever uma matéria que não tenha “PT”, “Haddad” e “Lula”; acho que faz uns seis meses que eu não escrevo uma matéria que não tenha essas três palavras.

#### **Como é cobrir o PT visto que o partido endossou um discurso muito crítico à imprensa e a grande mídia?**

Existe uma hostilidade inicial e existe uma hostilidade no geral quando eles não conhecem o repórter. Mas a partir do momento em que você vai conhecendo as pessoas, a hostilidade vai diminuindo, quando a relação vai mais para o lado pessoal do que simplesmente um representante de um veículo da grande imprensa, né. É lógico que existem alguns momentos de maior tensão, quando acontece alguma coisa; ou quando a imprensa divulga alguma coisa: uma delação, alguma coisa assim, aí cria um fato que cria uma certa hostilidade; ou existem aí, por exemplo: a prisão, a caravana... Nesses momentos a tensão fica maior. A tensão de algumas pessoas com quem você conversa regularmente não querendo conversar com você. Mas, não sei, vendo aí como está o governo do Bolsonaro, parece que o outro lado não está muito

diferente, ou talvez até pior, eles estão menos acostumados a lidar com as situações. Teve uma grande diferença para mim, de quando eu comecei a cobrir para hoje. Hoje eu acho que eu consigo ter uma relação boa, tirando algumas pessoas mais radicais, minoritárias, no resto eu consigo ter uma boa relação, conversar com todo mundo, mesmo apesar do discurso. Acho que o Haddad também, ele não faz um discurso antiimprensa. Ele tem muita crítica à imprensa também, mas ele não faz esse discurso o tempo inteiro.

**Você citou a caravana... A caravana foi o momento mais tenso que você cobriu?**

Com certeza. Mais do que a prisão no sindicato. Aquele dia dos tiros... Não só para mim, todos os repórteres que estavam cobrindo, no dia que acabou a caravana a gente tava muito aliviado. Eles tinha uma queixa muito forte, eu cobri a parte final da caravana, a parte do Paraná, eu cobri os três últimos dias só. Mas tinha colegas de outros jornais que cobriram antes, e eles tinham uma queixa muito forte dizendo que a imprensa não estava mostrando realmente como era a hostilidade que era feita pelos produtores rurais do interior de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul. Eles achavam isso. Aí teve o episódio logo no dia em que eu cheguei lá, que o segurança me agrediu, saiu matéria e tudo... Aí no dia seguinte foram os tiros, se eu não me engano, na terça, e na quarta acabou em Curitiba. Foi muito tenso mesmo.

**E a cobertura da prisão, como foi?**

Eu nunca uso crachá nessas situações assim, em geral não uso nem bloquinho, só celular no bolso. O problema não é, geralmente, as pessoas que te conhecem, o problema acaba sendo as pessoas que não te conhecem, porque é difícil alguém que te conhece te agredir. Em geral, os dirigentes tentam apaziguar, então eu tento seguir assim, sabe? Teve um caso lá no sindicato com um repórter da CBN, o Pedro [Duran], ele tava com o crachá pendurado. Eu tava bem do lado na hora que aconteceu. É um absurdo, mas ele tava com crachá, então eu tento não fazer isso. O repórter de impresso, acho que quanto mais despercebido ele passar, o trabalho dele vai ser melhor. Porque ele tem mais chance de observar as coisas, então, é uma estratégia. Como eu cubro, é difícil passar despercebido porque as pessoas me conhecem, mas pelo menos evita essas coisas. A hora que acabou, que o Lula foi preso, a gente conversou: “ vamos embora logo”. Foi tenso, mas a caravana foi, sem dúvida, pior.

**Como jornalista, você acredita que nós [a imprensa] estamos em descrédito com a população? Se sim, como as coisas podem ser revertidas?**

Pergunta difícil. Acho que tem uma coisa no discurso do Bolsonaro que é antissistema, né, anti-política, e aí desse “anti-tudo” entra a imprensa também. A segunda coisa é que nós vivemos em um país em que a maioria das pessoas não tem uma educação, mesmo as pessoas que são formalmente educadas, a educação não é boa. Então, assim, a educação brasileira não incentiva as pessoas a terem espírito crítico, e isso acaba atrapalhando. É muito mais fácil você acreditar em um meme, que você lê em dois segundos do que você ler uma matéria de jornal que muitas vezes é chata. Acho que há esses dois pontos. Agora como combater isso... É a grande questão da imprensa, não só brasileira, mas mundial: como fazer um produto que ao mesmo tempo tenha qualidade e seja “leve”? Não sei, sinceramente, não sei como. Se soubesse, talvez estaria rico. Não acho que também seja uma coisa de curto prazo, é uma coisa de longo prazo. Os Estados Unidos vivem coisas parecidas, mas lá tem uma coisa diferente, a eleição do Trump e do Bolsonaro... Você pega as pesquisas antes da eleição mostrava que o Bolsonaro, a votação nele era entre os mais ricos, mais escolarizados. Nos Estados Unidos não é isso... Nova York, Califórnia não votam no Trump. No Brasil é diferente. Lá, os jornais são meio que sustentados por essa elite intelectual, aqui a elite intelectual é muito pequena, então é uma dificuldade extra até para os jornais encontrarem o seu modelo de negócio. New York Times ganhou muitas assinaturas digitais na Era Trump, porque as pessoas queriam se informar mais.

**Eu tenho a impressão de que o trabalho do jornalista perdeu o crédito com gente de ambos os lados do espectro político...**

Eu acho que do lado da esquerda é muito mais um discurso do que uma prática. Acho que agora a tendência é isso diluir um pouco do lado da esquerda. Porque quem faz matérias críticas, a imprensa dita de esquerda, em geral só reproduz o que sai nos grandes jornais – não apuram, não investigam. “Não” acho que é muito pesado, mas o trabalho deles nesse sentido é muito pequeno, é mais ficar fazendo barulho em cima de coisas que saem nos outros veículos. Aí quando a imprensa começar a fazer o papel fiscalizador do governo Bolsonaro, eles vão acabar utilizando isso.

**Uma crítica que eu vi bastante, principalmente do lado do eleitorado do Haddad, é que a imprensa teve parte da culpa pela eleição do Bolsonaro pelo fato de ter colocado os dois em pé de igualdade, como dois candidatos de polos ideológicos extremos e opostos. Você acha isso também?**

Existe uma divergência aí que fala que a imprensa estrangeira chamada o Bolsonaro de “far right” (extrema direita), e a imprensa brasileira, não. Existe uma crítica a isso. Talvez, nesse ponto na nomenclatura da candidatura, mas eu não acho que havia outro caminho. Eu não acho que a campanha do Haddad fez todas as sinalizações que pudessem, talvez, conferir alguma coisa nessa linha. A imprensa brasileira nunca se posicionou em uma eleição presidencial, então seria muito complicado se posicionar dessa vez.